

O Memorial acadêmico: uma reconstrução póstuma do passado

Lidia Maria Rodrigo

Professora do Defhe (Unicamp)

O que esperar de um Memorial acadêmico? Provavelmente, um relato escrito, com experiências, realizações e reflexões suficientemente significativos para tecer uma trajetória composta de estudo, ensino e produção intelectual. Sua escritura supõe, contudo, mais do que simples *memória retentiva*: um Memorial assenta-se, inevitavelmente, sobre a *lembrança*. Os gregos, pelo menos desde Platão, já distinguiram esses dois aspectos da memória: a simples conservação de conhecimentos passados difere de uma evocação do passado para torná-lo atual, que constitui a lembrança propriamente dita. Sob esta última perspectiva, ao evocar eventos e idéias a consciência não atua de modo passivo porque os repõe e ordena através de representações nas quais intervém a vontade e o interesse; enfim, todo conteúdo psíquico atual age no sentido de transformar em lembranças os dados retidos na memória. Para além da reprodução passiva e espontânea de vivências e realizações, deve-se esperar de um Memorial uma interpretação do passado na qual a atividade de seleção da inteligência, permeada por seus interesses e objetivos, não cessa de estar ativa.

A escritura de um Memorial comporta, juntamente com a rememoração de fatos e vivências, uma reflexão sobre suas significações na perspectiva mais global de um *curriculum vitae*. A ordenação das representações deixa de ser mera cronologia para configurar-se como um projeto de vida que, contudo, só pode ser conhecido retrospectivamente, pela integração de eventos particulares e dispersos num todo atravessado por intenção e finalidade.

Todavia – nunca é demais insistir – o sentido ou direção de um projeto de vida não poderia, de modo idealista, estar posto *a priori*, como se os eventos devessem apenas encaixar-se nele. Ele é engendrado pelo olhar retrospectivo que reflete recolhendo o que foi vivenciado sob a forma da des-

continuidade. No olhar retrospectivo, e apenas nele, fatos e realizações particulares vão urdindo um sentido comum que os perpassa como se fossem atravessados desde o início por uma mesma intenção. Decisões que pareciam mais ou menos aleatórias e motivações que haviam permanecido inconscientes afloram, não porque o significado do particular esteja contido no todo, mas porque um todo pode ser urdido pelo olhar retrospectivo que avalia e rearticula no presente escolhas e decisões feitas no passado. O passado deixa de ser coleção de acontecimentos e vivências justapostas e ganha uma história.

A estruturação da memória elaborada pelo olhar presente repõe o passado sob nova ótica: em lugar de simplesmente recuperar o sentido de que era portador no momento em que foi vivido, inscreve nos fatos, escolhas e decisões algo que, a rigor, não pertence a eles, mas ao intérprete que os organiza.

Pode-se dizer que o passado, na sua inteireza, permanece para sempre irrecuperável; ele só pode emergir travestido pelas capas de que a memória o revestiu com base nas vivências subseqüentes. Ao resgatar o passado, um Memorial o torna disponível sob a ótica do presente, sendo, por isso, inseparável da data em que foi escrito e daquele que o assinou.

Uma concepção semelhante sobre o passado pode ser encontrada em Hannah Arendt, quando examina o significado da temporalidade na história humana. Do seu ponto de vista, o passado não representa a origem, uma vez que sua compreensão só pode ser alcançada por um olhar retrospectivo lançado a partir do presente. O evento histórico, uma vez consumado, autoriza-nos a olhar para trás com maior sabedoria, e, só então, precisar entre as inúmeras possibilidades contidas no passado qual aquela que foi atualizada no presente. Assim, o conhecimento do passado depende do presente e não o contrário.

Num outro registro, Fernando Pessoa expressa – com uma sensibilidade mais fina do que todos os nossos discursos – a sensação produzida pela “presença póstuma do passado”, para usar uma expressão de André Enegren, ao recordar agora o que se passou outrora.

Pobre velha música!
Não sei por que agrado,
Enche-se de lágrimas
Meu olhar parado.

Recordo outro ouvir-te.
Não sei se te ouvi
Nessa minha infância
Que me lembra em ti.

Com que ânsia tão raiva
Quero aquele outrora!
E eu era feliz? Não sei:
Fui-o outrora agora.¹

¹ Cancioneiro. In: *Obra Poética*. São Paulo: Cia. José Aguilar Editora, 1972, p. 140-141)